

CAPÍTULO 3

DIDÁTICA DA HISTÓRIA E ARQUÉTIPOS FEMININOS EM QUADRINHOS DE TERROR: UMA ANÁLISE A PARTIR DE “CARNIÇA E A BLINDAGEM MÍSTICA”



<https://doi.org/10.22533/at.ed.060122512023>

Data de aceite: 13/02/2025

Tayane Ferreira de Almeida

Doutoranda em História pelo PPGH da Universidade Federal de Pernambuco, bolsista FACEPE. Pesquisa a vertente teórica da Didática da História, quadrinhos e medo. Orientada pelos professores doutores Arnaldo Szlachta e Fábio Paiva. O presente texto é fruto da apresentação de um trecho da dissertação da autora

da ótica de um bando formado apenas por mulheres, se tratando então de um esforço de imaginação histórica que proporciona através dos seus arquétipos (aqui destaca-se: a mãe, a bruxa e o monstro) possíveis reflexões sobre questões sócio-culturais que formaram e formam identidades, lutas e resistências sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da História. Quadrinhos de terror. Carniça. Arquétipos.

RESUMO: A partir da Didática da História, propomos a reflexão acerca da familiaridade que o gênero do terror apresenta em relação ao campo da História, visto que temas como violência, moralidade, medo, angústia, preconceitos, dentre outros, estão presentes em diversas experiências históricas. Compreende-se que o aprendizado histórico é um processo interpretativo orientado pelo tempo e desta forma resulta em narrativas, obras ficcionais como “Carniça e a blindagem mística” (Shiko, 2020) podem ser percebidas como uma materialização da consciência histórica do autor, que pondera o período histórico do Cangaço a luz de seu presente promovendo reflexões palpáveis para o futuro. Em seu enredo, observamos uma reimaginação deste movimento social nordestino a partir

O pensar historicamente está intrinsecamente associado à narratividade, não apenas por ser uma maneira de contar ou narrar, mas também por configurar um componente constitutivo do pensamento histórico, ou seja, a maneira como uma determinada sociedade representa e interpreta suas próprias experiências assumem diversas possibilidades a partir da variedade narrativa e atribuição de significado histórico. Como observamos em Gago (2016, p. 163): “A narrativa produz uma história para o presente a partir das ocorrências e eventos do passado. Isto pode ser feito de formas fundamentalmente diferentes, dependentes de princípios diferentes do significado histórico”.

Com o movimento do Cangaço percebemos uma riqueza na dimensão narrativa seja através de testemunhos, documentos, cordeis, relatos orais, a multiplicidade de perspectivas é tanta que em determinadas maneiras de contar assume quase um caráter mitológico e fantástico. A imaginação histórica se desenvolve especialmente a partir das produções literárias, artesanais, visuais dentre outras formas da dimensão estética da cultura histórica, desta forma, a maneira de visualizar o passado, pessoas e eventos vai se solidificando no imaginário coletivo.

Com a sua obra “Carniça: a blindagem mística” publicada de forma autoral em 2020, o autor e artista paraibano Shiko reimagina o contexto a partir de um bando improvável formado apenas por mulheres, ao fazê-lo provoca a imaginação histórica estabelecida e discute aspectos de violência, trauma, agência feminina e desumanização.

O bando é formado por Carniça, Arenga e Mortalha com a entrada posterior de Jurema, seguimos a história de forma não linear e acompanhamos diversas dinâmicas intrinsecas ao movimento cangaceiro o sequestro de uma menina, Mázinha de Beata, que se tornaria Carniça mais adiante, seu primeiro estupro e demais violências ao seu corpo, sua gravidez e a necessidade de afastamento de seu bebe para acompanhar o bando, são alguns dos retratos de situações comuns a época.

Em consonância a estes eventos Shiko (2020) sempre discrimina que muitas destas situações narradas e vividas por suas personagens são frutos de uma pesquisa histórica que desenvolveu, sempre apontando suas fontes, sejam elas relatos ou documentos. Apesar disso, não é intenção do autor criar um quadrinho que narre fatos históricos, o uso das fontes aqui é uma maneira de afirmar que sua história fantástica e ficcional possui horrores históricos, que integra relatos e realidades comuns a história do Cangaço, o que complexifica sua obra, como aponta Tayane Ferreira (2024):

Durante todo o quadrinho percebemos o uso de fontes e trechos de relatos que são adaptados para a experiência dos personagens ou ainda como no caso da entrevista do coronel Rufino, são representados na íntegra através do sistema dos quadrinhos. A proposta não é criar uma narrativa que acompanha uma série de fatos históricos e usa fontes como forma de corroborar os eventos da trama, mas, produzir uma narrativa ficcional que integra relatos, realidades e relações deste movimento, adicionando uma base complexa à perspectiva retratada. (ALMEIDA, TAYANE. 2024, p. 88)

A obra contém elementos de fantasia e terror, se tratando do contexto do Cangaço se espera elementos de violência que são retratados e representados de maneira gráfica por Shiko (2020), assim como também percebemos elementos de mistério, sobrenatural e suspense. A líder do bando feminino ganha uma blindagem mística para retornar dos mortos após ser brutalmente assassinada pelo seu sequestrador, o preço deste milagre, a razão para a carranca lhe oferecer a benção e o seu propósito demonstram estes outros aspectos de subgênero.

ARQUÉTIPOS EM “CARNIÇA: E A BLINDAGEM MÍSTICA”: A BRUXA, A MÃE E O MONSTRO

A utilização do conceito de arquétipos aqui discutida os comprehende enquanto mediadores entre a consciência e o imaginário coletivo, sendo o segundo referente a símbolos e narrativas tidas como “universais” por serem recorrentes em distintas culturas e contextos ao longo do tempo (Vieira Neto, 2020. p. 23).

Se tratando de conceitos tidos como trans-históricos, ou seja, aqueles que ultrapassam barreiras espaço-temporais, há uma abertura para críticas e questionamentos, assim como toda generalização, entretanto, também oferece potencialidade de reflexão sobre padrões narrativos e interpretativos no âmbito histórico, cultural e social. Como demonstra Martins (2020):

Independentemente do uso, do enquadramento epistemológico ou do alcance, arquétipo é o “padrão supremo das cópias”, a partir do qual nascem ideias, obras, objetos e figuras. Imagem primordial, âncora ancestral, o arquétipo contém o ADN de identidades, de culturas, de valores; dialoga com todas as artes, com a ciência, com o conhecimento; é marca de água de grandes narrativas fundacionais e de histórias populares, lendas, mitos e fáti divers; está presente em todos os géneros, em todos os media e em todas as linguagens (Martins, 2020. p. 203).

Tendo este conceito em vista, buscamos analisar representações nos volumes 1 e 2 de “Carniça: blindagem mística” com a ciência de que não é intenção da obra construir tais relações, e são frutos de uma transformação, interpretação e atribuição de sentido que advém da autora do texto. Como aponta Makowiechy (2003, p. 4): “A representação é uma referência e temos que nos aproximar dela para nos aproximarmos do fato. A representação do real, ou o imaginário, é, em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo”. A relevância de analisar obras ficcionais para o campo da ciência histórica pode ser observado tendo como referência “O grande massacre de gatos” de Darnton (1986) onde argumenta que mesmo casos e histórias que aparentam não possuir importância possuem o potencial para analisar e interpretar a sociedade que a produz.

Desta maneira, um dos medos mais essenciais desenvolvidos na sociedade Ocidental surge através da diabolização da mulher como demonstrado por Delumeau (1989), a partir do cristianismo temos dois pontos de agência femininas bem definidos a primeira pecadora, Eva (que manipula e desobedece) em contraponto ao ideal a primeira santa, Maria mãe de Deus (que personifica a pureza e obediência).

A figura das bruxas surge neste ambiente narrativo religioso e estatal de espaços femininos e o perigo das mulheres que fogem e desobedecem às regras impostas ao seu gênero. Como apresenta Silvia Federici (2019, p. 71) pontua: “Nunca, ao longo da história, as mulheres foram submetidas a uma agressão tão grande, organizada internacionalmente, aprovada pelas leis e abençoada pelas religiões”. Dois arquétipos principais estão ligados às figuras das bruxas, a sensual, jovem e sedutora que apenas através de relações com o próprio Satanás poderiam causar tal efeito inebriante e irresistível aos homens “de bem” ou as bruxas velhas, improdutivas, com verrugas e invejosas das jovens mulheres que possuem tudo aquilo que por elas já foram perdidos.

No Sertão nordestino no fim do século XIX, os papéis sociais femininos também eram bem estabelecidos, se a mulher não cumprisse a expectativa de esposa e mãe, caberia os dois arquétipos da bruxa: a sensual, prostituta ou a improdutiva, solteirona. O Cangaço se apresentava como uma fuga a estas dinâmicas impostas e permitiam um novo espaço de mulher arretada, livre e bandoleira, entretanto, o cotidiano no bando ainda incutiu estas mulheres a uma submissão ao patriarcado, violência e repressão.

Desta maneira, a representação em Carniça acerca deste arquétipo se dá tanto por representar mulheres que fogem de situações impostas, possuem agência sobre suas sexualidades, pecam e agem com forças sobrenaturais, assim como ocorre em nosso bando, como sintetiza Tayane Almeida (2024):

Em “Carniça”, além de nossos personagens se colocarem também neste espaço marginal as expectativas sociais de sua época, nós temos a influência do sobrenatural guiando o bando feminino em uma caça às bruxas reversa, onde os homens são a ameaça a ser erradicada, não pela sua diabolização, mas por seu rastro de crueldade e violência que apenas um ser humano é capaz de empregar. (ALMEIDA. Tayane, 2024. p. 96)

Uma segunda dimensão de arquétipo é a maternidade, a figura da mãe é primordial, Delumeau diz que o corpo feminino (1989, p. 463) é o “santuário do estranho”, ele é o único capaz de gerar vida e causar morte, esse aspecto essencial estabelece então as funções dicotômicas: “Daí os destinos diferentes e no entanto solidários dos dois parceiros da aventura humana: o elemento materno representa a natureza e o paterno a história”.

A percepção da maternidade como escolha ou como um não desejo por parte de algumas mulheres pode ser visto com estranheza e repúdio, como poderia uma mulher não querer experienciar a benção de gerar uma vida? Badinter (1985) demonstra o mito da mãe e seus ideais, o princípio de amor instintivo e comportamento ideal e devocional da maternidade foram solidificados por narrativas cristãs em especial, e no campo do terror o arquétipo materno pode ser utilizado e deturpado para causar sensações de estranheza e desconforto.

De acordo com a perspectiva de Thierry Groensteen (2015) os quadrinhos não devem ser analisados apenas por seu texto ou imagem, mas considerando seu sistema semiótico único que através da imagem e texto cria novas regras e dinâmicas de comunicação, para tanto trabalha o termo de imagem narrativa, neste o artista constroi elementos interpretativos a serem completados pelo leitor. Como percebe-se na imagem 1, na cena esquerda temos Mázinha de Beata (Carniça) demonstrando interesse em se relacionar com Bem-te-vi, em seguida uma sequência de quadros que não necessariamente estão espacialmente organizados, mas transmitem uma mensagem específica, o cuspe determina o tempo que eles têm para voltar, a cobra o pecado e a sexualidade que eles estão incitando e por fim o observador.

No quadro da direita temos a representação da gravidez e processo de parto de Mázinha, no primeiro quadro podemos ver alguns peixes e fundo vermelho que estão atrelados a narração da violência sexual que sofrera a primeira vez, retomando a ideia de violência sexual em que esta inserida. O quadro seguinte se aproxima para demonstrar o momento de dor e do nascimento e em seguida se afasta consideravelmente demonstrando talvez a distância que enfrentaria de sua filha.



Imagen 1 - Carniça e a blindagem mística (Fonte: Shiko)

Por fim, o arquétipo do monstro, este conceito está sempre atrelado a uma definição dual o monstro aponta e representa aquilo que está fora do ideal, do ordenado do padronizado por isso precisamos sempre de uma perspectiva de partida a partir do “eu” posso ver o “outro” a partir do “perfeito” pode ser entendido o “monstro”. Como explica Stephen King nossa relação com a monstruosidade se pauta no interesse deste espelho, qual a distância ou proximidade da ordem ou da desordem me encontro?

Amamos a ideia de monstruosidade e precisamos dela porque é a reafirmação de ordem que todos almejamos como seres humanos... e deixem-me sugerir, indo mais além, não é a aberração em si, seja ela física ou mental, que nos horroriza, mas em vez disso, a desordem que tais aberrações parecem implicar. (KING, STEPHEN, 2007, p. 4)

A figura do monstro no ambiente ficcional é cercada por metáforas e representações que muitas vezes apontam a percepção do próprio autor ou leitor sobre o que seriam suas interpretações de desordem e monstruosidade. Muitas vezes associadas a aspectos de identidade ou cultura como maneira de reiterar relações de poder, visto que a existência de um (sujeito, monstro) causa medo, repulsa e asco no outro (sujeito, herói/vítima), sendo assim comumente utilizada como uma ferramenta para repercutir discursos e dinâmicas através das mídias e narrativas acerca de corpos, indivíduos, culturas e etnias.

Na abordagem de Shiko (2020) as entidades que assumem a estética de seres sobrenaturais e monstruosos se ancoram em símbolos culturais, no quadro da esquerda observamos a carranca e no quadro da direita temos um ser criado pelas velas acesas aos ex-votos. A carranca protege e oferece a blindagem mística, o ser das velas lembra Mázinha agora transformada em Carniça que o preço de sua blindagem uma hora será cobrado.

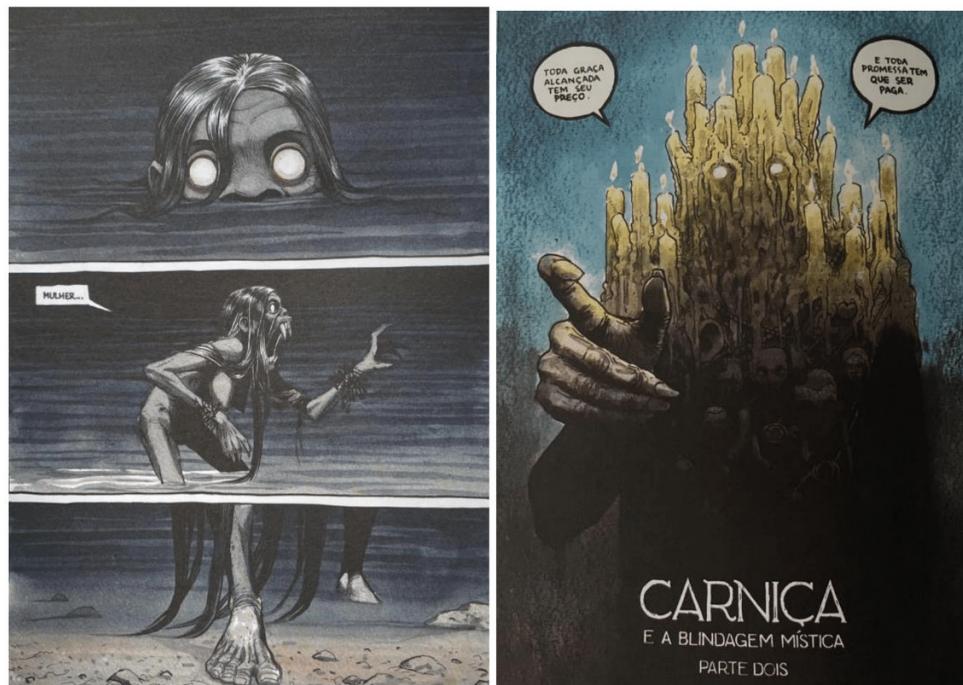


Imagen 2 - Carniça e a blindagem mística (Fonte: Shiko)

Neste caso o autor traz aspectos fantásticos a elementos e símbolos ligados ao cotidiano nordestino e que compõem o contexto do Cangaço, a discussão acerca de monstruosidade pode ser questionada na violência empregada por outros, o homem que sequestrou uma menina de sua mãe e a estupra e futuramente a assassina brutalmente, aquele que mata dois filhos na frente de sua mãe que não pode fazer nada além de assistir, ou aquela que decide matar seus agressores mesmo depois de ter sido salva, quem é o monstro? O leitor está à vontade para interpretar e se refletir nestas dinâmicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos apresentar um trecho da discussão estabelecida entre Didática da História e quadrinhos de terror, desenvolvidas na Dissertação da presente autora, nesta oportunidade nos ativermos a potencialidade dos quadrinhos para a construção do pensamento histórico partindo de arquétipos que podem representar dinâmicas de poder, cultura e história a partir das emoções e dos símbolos causar reflexão e análise de discurso que podem refletir dinâmicas atuais e potencializar o desenvolvimento de consciência histórica, especialmente se tratando de uma obra brasileira que reflete dinâmicas específicas do nordeste brasileiro.

A arte latino americana se demonstra de modo geral, como uma ferramenta poderosa para documentação e análise histórico cultural, os quadrinhos neste contexto apresentam uma extensão desta tradição. Além deste ponto, tem-se em perspectiva que o próprio conceito de medo é histórico, a experiência do medo humano se modifica de acordo com seu contexto e adquire uma nova possibilidade de expressão através da arte e literatura, onde estão presentes dinâmicas de poder construídas e reiteradas a partir de discursos narrativos, linguísticos e sociais.

Por esta razão, destacamos a importância da subjetividade e do imaginário para o campo da ciência histórica, as mais diversas emoções estão presentes na percepção sobre o passado, e possuem influência sobre a interpretação traçada no presente e ao longo do tempo, visto que a História é viva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tayane Ferreira de. **Didática da história e arquétipos em quadrinhos de terror: uma análise a partir de “Carniça e a Blindagem Mística”**. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

BORRIES, Bodo Von. Lidando com histórias difíceis. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd. (orgs). **Jovens e consciência histórica**. Curitiba: W.A. Editores, 2018, p. 33-54.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELUMEAU, Jean. **O medo no ocidente: 1300-1800**, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

GAGO, Marília. Entrevista–Jörn Rüsen Algumas ideias sobre a interseção da meta-história e da didática da história. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, p. 159-170, 2016.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu: Marsupial, 2015. KING, Stephen. **Dança macabra**. Rio de Janeiro: Suma, 2007.

MAKOWIECHY, Sandra. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em ciências humanas**, v. 4, n. 57, p. 2-25, 2003.

MARTINS, Gabriel D'Oliveira. Arquétipo: A utopia como horizonte. *In*. MARNOTO, Rita. Arquétipo. **Biblos**, n. 6, pp. 201-212, 2020.

SHIKO. **Carniça e a blindagem mística mística, parte dois**: tutela do oculto. São Paulo: Shiko, 2020.

SHIKO. **Carniça e a blindagem mística mística, parte um**: e bonito meu punhal. São Paulo: Shiko, 2020.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade Negada. *In*: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2004, p.196-231.

VIEIRA NETO, Ivan. A performance das imagens simbólicas: símbolos, inconsciente coletivo, arquétipos e mitos. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 13, p. 21-29, 2020.